




ESPORTE DE JOVENS E O MODELO COMPETITIVO DO ALTO RENDIMENTO: O CASO DO CAMPEONATO GOIANO ESCOLAR DE HANDEBOL

Youth sport and the high performance competitive model: the case of the Goiás school handball championship

El deporte juvenil y el modelo competitivo de alto rendimiento: el caso del campeonato escolar de balonmano de Goiás

Adriana Luz Alencar ¹ , Lucas Leonardo ¹ , Tathiane Krahenbühl ¹ 


¹ Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança, Goiânia, GO, Brasil.

* Correspondencia: dried.fisica12@gmail.com

Recibido: 27/09/2021; Aceptado: 01/04/2022; Publicado: 30/05/2022

OPEN ACCESS

Sección / Section:
Balonmano / Handball

 Editor de Sección / Edited by:
Antonio Antúnez Universidad de
Extremadura, España

Citación / Citation:
Alencar, A. L., Leonardo, L., &
Krahenbühl, T.
(2022). Esporte de jovens e o
modelo competitivo do alto
rendimento: o caso do
campeonato goiano escolar de
handebol. *E-balonmano.Com*,
18(2), 93-104.

Fuentes de Financiación / Funding:
-

Agradecimientos/
Acknowledgments:
No funding reported by authors

Conflicto de intereses / Conflicts of
Interest:
All authors declare no conflict of
interest

Resumo

O objetivo do estudo foi identificar como a prática do handebol se manifesta no âmbito do campeonato organizado pela Federação Goiana de Desporto Escolar (FGDE) a partir das informações obtidas em documentos oficiais e pelas percepções dos personagens envolvidos no evento. Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Os dados foram obtidos a partir de pesquisa documental tendo como base o regulamento e documentos normativos, e entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco professores(as) e um dirigente. A partir da análise de conteúdo dos documentos e entrevistas, concluímos que a competição se assemelha ao alto rendimento, visando desempenho, selecionando atletas e fomentando bolsas para os destaques, se distanciando dos princípios pedagógicos e educacionais.

Palavras-chave: Competição; Escola; Alto rendimento; Esporte escolar.

Abstract

This study aims to identify how the practice of handball manifests itself in the scope of the championship organized by the Goiás School Sports Federation (FGDE) from the information obtained in official documents and by the perceptions of teachers and managers. This is a qualitative research with an exploratory character. The data were obtained from documentary research based on the regulation and normative documents, and semi-structured interviews conducted with five teachers and a leader. From the content analysis of the documents and interviews, we concluded that the competition is similar to high performance, aiming at performance, selecting athletes and promoting scholarships for the highlights, distancing themselves from the pedagogical and educational principles.

Keywords: Competition; School; High sports performance; School Sport.

Resumen

El objetivo era identificar como se manifiesta la práctica del balonmano en el campeonato de la Federación de Deportes Escolares de Goiás (FGDE) a partir de la información obtenida en los documentos oficiales y de las percepciones de los docentes y directivos. Se trata de una investigación cualitativa con carácter exploratorio. Los datos se obtuvieron a partir de una investigación documental basada en los documentos reglamentarios y normativos, y entrevistas semiestructuradas realizadas con cinco docentes y un líder. A partir del análisis de contenido de los documentos y entrevistas, concluimos que la competencia es similar al alto rendimiento, seleccionando deportistas y promoviendo becas para lo más destacado, alejándose de los principios pedagógicos y educativos.

Palabras clave: Competición deportiva; Escuela; Alto rendimiento; Deporte escolar.

Introdução

O esporte é considerado um dos fenômenos socioculturais de maior relevância para a sociedade contemporânea, devido a sua inserção e disseminação em vários setores da sociedade (Paes, 2006). Entendido como parte da cultura corporal de movimento, é composto por regras regulamentadas por organizações as quais direcionam as formas de disputa e promovem o seu desenvolvimento em todos os níveis de competição, expressadas por meio do confronto entre equipes/sujeitos ou pela comparação dos desempenhos (Marques; Almeida & Gutierrez, 2007; Gonçalves, González & Borges, 2019).

Na sua vertente educacional, o esporte se constitui como uma atividade cultural, que permite uma formação básica e continuada através do movimento, permitindo às crianças e aos jovens condições de desenvolvimento de habilidades motoras e o entendimento das necessidades individuais sem perder a coletividade, a cooperação e o espírito de liderança (Siedentop, 2007).

Além de ser parte da disciplina de educação física relacionado ao conteúdo de ensino-aprendizagem dentro do processo de escolarização com objetivos educacionais específicos, o esporte também se manifesta como atividade extracurricular, com a formação de equipes escolares e conseqüente participação em competições específicas desse ambiente. Essa ação esportiva educacional extracurricular é diferente da ação desenvolvida nas aulas de educação física, contudo, ainda é dotada de caráter educativo (Reverdito et al., 2017).

Como fenômeno social, político e econômico, segundo Hiram & Montagner (2009), o esporte é intrinsecamente relacionado com a competição, não sendo possível separá-los durante o processo de ensino-aprendizagem esportivo. Para esclarecer um pouco melhor, esporte competitivo refere-se ao alto rendimento enquanto que a competição no esporte é um elemento inerente à atividade esportiva (De Rose Junior & Korsakas, 2006).

Nesse sentido, há necessidade de ensinar a competir no processo de ensino-aprendizagem esportivo, tanto nas aulas de educação física quanto nas aulas extracurriculares que têm caráter semelhante ao treinamento por serem voltadas às competições escolares, e que também são partes integrantes do projeto pedagógico da escola, sendo entendido como possibilidade de intervenção educacional/pedagógica (Scaglia; Medeiros & Sadi, 2006).

Em sua maioria, as competições infantis quase não se diferem dos eventos e estruturas planejadas para os adultos, espera-se que as crianças tenham rendimento e desempenhos voltados (quase que exclusivamente) para o vencer, e pouco planejadas para aspectos sociais e pedagógicos, tanto nos clubes quanto nos ambientes escolares (De Rose Junior & Korsakas, 2006). Assim, de acordo com os autores supracitados, “pensar então no esporte e na competição como meios de concretizar essa educação é entendê-los como ferramentas para o desenvolvimento pleno do ser humano” (De Rose Junior & Korsakas, 2006, p. 254).

A prática competitiva esportiva deve ser adaptada ao jovem e a criança, satisfazendo as suas vontades e necessidades, além de permitir o seu pleno aprendizado e desenvolvimento. E, quando a competição esportiva tem ligação e/ou caráter escolar, é ainda maior a sua responsabilidade socioeducativa. O modelo competitivo do esporte escolar é um fator que pode trazer grande influência às práticas pedagógicas adotadas pelo professor tanto nas aulas de educação física quanto nas atividades esportivas extracurriculares na escola, de modo que a competição escolar também deve ser concebida em conjunto aos objetivos escolares.

No Brasil, a competição escolar regulamentada com abrangência nacional vem acontecendo desde 1969, com os Jogos Estudantis Brasileiros, que, posteriormente, esse evento ao ser dividido entre esporte escolar e esporte universitário passou a ser chamado de Jogos Escolares Brasileiros. Em sequência, a partir Lei Agnelo/Piva (10.264/01), o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) passaram a organizar a fase nacional dos jogos escolares (Arantes; Martins & Sarmiento, 2011).

No âmbito nacional, a entidade reguladora das competições escolares esportivas é a Confederação Brasileira de Desporto Escolar (CBDE), a qual é filiada à Federação Internacional do Esporte Escolar (ISF) e reconhecida pelo Comitê

Oímpico Brasileiro (COB), é uma entidade privada sem fins lucrativos, de caráter desportivo educacional e integra o Sistema Nacional do Desporto brasileiro, a qual tem vinculadas 27 federações estaduais sendo, no estado de Goiás, a Federação Goiana do Desporto Escolar (FGDE) a responsável por fomentar o esporte escolar, promovendo competições e ações neste âmbito, como o campeonato goiano escolar no qual se disputam diversas modalidades esportivas, entre elas, o handebol.

Visto isso, há uma grande importância em conhecer os eventos esportivos escolares e seus aspectos norteadores, seus objetivos e pressupostos pedagógicos. Com isso, este estudo orientou-se pelas seguintes questões: “Quais os objetivos e princípios norteadores do campeonato goiano escolar?” e “Qual o conceito e finalidade de esporte escolar dos dirigentes e dos(as) professores(as) envolvidos no campeonato goiano escolar?”.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi analisar o modelo de competição do campeonato goiano escolar promovido pela FGDE e, a partir das informações obtidas, compreender o cenário competitivo do esporte escolar realizado no estado de Goiás, com recorte na competição voltada para a modalidade handebol.

Materiais e Métodos

Caracterização do estudo

Essa pesquisa é de tipo qualitativa e tem por objetivo descrever os fenômenos cotidianos a partir dos indivíduos que dele participam (Yin, 2016). Para isso, foram utilizados levantamento de literatura, análise de documentos e entrevistas.

O estudo caracteriza-se também por seu caráter exploratório, que segundo Gil (2007) se caracteriza pelos problemas, contextos ou fenômenos que são desconhecidos ou pouco explorados e tem como objetivo principal a criação de problemas mais precisos. A competição esportiva infantil em si é bastante estudada na literatura, mas há poucos estudos que investigam os eventos competitivos esportivos escolares.

Participantes

Participaram deste estudo cinco treinadores(as) (idade média 39.0 ± 7.15 anos) e um dirigente da FGDE (idade 53 anos, e tempo de atuação de 12 anos). A escolha dos(as) participantes obedeceu aos seguintes critérios: 1) optamos por entrevistar o presidente da FGDE, para que tivéssemos a opinião de um dos representantes da entidade que desenvolve o esporte goiano escolar, essa escolha deu-se por constar no organograma da entidade apenas dois responsáveis, sendo o presidente e o vice-presidente, e por termos conhecimento da sua atuação direta nas competições escolares; 2) treinadores(as) da modalidade handebol inscritos(as) e com equipes participantes da competição e que se disponibilizaram e aceitaram o convite para participar do estudo. A fase estadual da competição contou com aproximadamente 30 treinadores(as) de diversas modalidades esportivas, sendo cinco do handebol. Contudo, para a finalidade dessa pesquisa, apenas os(as) treinadores(as) relacionados(as) no handebol foram incluídos no estudo.

O Comitê de Ética da universidade local aprovou todos os procedimentos (CAAE número 85700518.1.0000.5083, Número do Parecer: 2.872.245), em conformidade com os padrões estabelecidos pela Declaração de Helsinque (versão 2014).

Procedimentos

Para este estudo foi selecionada a modalidade handebol, devido à disponibilidade dos(as) treinadores(as) na participação da pesquisa e pelos interesses de produção científico-acadêmica dos pesquisadores.

Optamos por três fontes de dados: 1) Documentos oficiais da FGDE relacionados ao campeonato goiano escolar; 2) entrevista com um dirigente da FGDE, para termos sua concepção sobre o esporte escolar; e 3) entrevistas com cinco treinadores(as) de handebol envolvidos(as) no campeonato goiano escolar, a fim de colhermos suas percepções sobre o esporte escolar. A utilização de três fontes de informação (documentos, entrevista com treinadores(as) e entrevista com dirigente) possibilitou maior confiabilidade e validade aos dados, devido à possibilidade de realização da triangulação

destas fontes de informação (Flick, 2004), permitindo ampliar a visão sobre o fenômeno estudado, pois possibilita comparar as concordâncias e contradições presentes em diferentes fontes de informação (Ullrich et al., 2012).

A pesquisa documental é caracterizada por Marconi & Lakatos (2003) como aquela cuja fonte de coleta de dados é restrita a documentos, constituindo as fontes primárias. O levantamento documental foi realizado através do site oficial da FGDE, onde foram coletados os seguintes documentos: 1) o “Regulamento de 2018”, documento no qual se apresenta as diretrizes gerais da competição; 2) a “Nota Oficial 006/2018/CGE” que apresenta esclarecimentos sobre o formato da competição, como os prazos de inscrição, etapas de disputa e etc.; 3) o “Boletim número 1” que apresenta as tabelas de jogos das entidades inscritas na fase municipal; 4) o “Boletim número 5” que apresenta a tabelas de jogos das equipes classificadas para a fase estadual; e 5) o “Quadro de Inscrições da Fase Municipal de 2018” do campeonato goiano escolar. Estes foram os documentos escolhidos, pois atenderam aos objetivos deste estudo e todos eles eram de domínio público com livre acesso para a consulta diretamente do site da FGDE. Buscamos, deste modo, respeitar os procedimentos éticos acerca deste tipo de processo (Cunha; Yokomizo & Bonacim, 2013).

A estruturação do roteiro de entrevistas semiestruturado foi constituída após a análise documental, mas com flexibilidade para que novas perguntas fossem inseridas no decorrer da entrevista (Hermanns, 2004). Elaboramos dois tipos de roteiros de entrevistas, um direcionado aos(as) treinadores(as) e outro ao dirigente (ver quadro 1), contudo, esse roteiro teve caráter norteador, com flexibilidade para fazer perguntas pontuais em cada entrevista, caso fosse necessário. Os blocos de entrevista foram divididos em duas partes sendo a primeira parte para a identificação contendo questões como nome, data de nascimento, formação acadêmica e a segunda parte perguntas direcionadas à prática profissional e ao evento do campeonato goiano escolar.

Quadro 1. Roteiro de entrevista para o dirigente e para os(as) treinadores(as) participantes do estudo.

Roteiro de entrevista para os(as) treinadores(as)	Roteiro de entrevista para o dirigente
<p><u>Bloco 1: identificação do entrevistado</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Nome: • Data de nascimento: • Formação acadêmica: • Em qual ano você se formou? • Com qual modalidade esportiva irá trabalhar no campeonato Goiano Escolar? <p><u>Bloco 2: sobre a competição, campeonato goiano escolar</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Você é professor(a) de Educação Física escolar da escola que representa na competição (Campeonato goiano escolar gerido pela FGDE)? Se não, qual sua relação com essa instituição? 2) Em qual local são realizados os treinamentos da equipe que irá participar do campeonato goiano escolar? 3) Como é feita a seleção dos(as) alunos(as)/atletas(as) que representam sua equipe nessa competição? 4) Quais são os benefícios para o(a) atleta de se participar dessa competição? 5) Em sua opinião, qual a importância desta competição no desenvolvimento do esporte escolar de Goiás? 6) Qual o papel do esporte de competição dentro da escola? 	<p><u>Bloco 1: identificação do entrevistado</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Nome: • Data de nascimento: • Formação acadêmica: • Em qual ano você se formou? • Qual cargo ocupa na FGDE? Em qual ano assumiu esse cargo? <p><u>Bloco 2: sobre a competição, campeonato goiano escolar</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Como funciona o formato de competição do campeonato goiano escolar gerido pela FGDE? (se existe etapas de classificação, regras específicas de cada etapa) 2) Quais são os benefícios para os(as) professores(as) e para os alunos/atletas de se participar desse campeonato? 3) Em sua opinião, qual a importância desta competição no desenvolvimento do esporte escolar de Goiás? 4) Qual o papel do esporte de competição dentro da escola? 5) A FGDE possui apoio financeiro para a realização dessa competição? Se sim, quais são eles e qual a importância deles para a efetivação dessa competição?

Os(as) participantes foram abordados pelo grupo oficial da FGDE e, mediante aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, foram entrevistados(as) no período entre agosto e novembro de 2018, com duração média de 30 minutos, em ambiente calmo e em horário combinado previamente e individualmente. As entrevistas foram gravadas em áudio pelo aparelho celular e transcritas no mesmo dia. Foi realizada a transcrição literal suave, em que é feita palavra por palavra, mas todas expressões como *uhms* ou *ahs*, ou palavras decorativas como, *certo*, *você sabe*, *sim*, são deixados de fora. Ou seja, é formado um texto coerente, simples de entender, mas representando a redação original (Mayring, 2014).

Análise dos dados

Após a transcrição das entrevistas, fizemos a análise utilizando como base a Análise de Conteúdo a partir da abordagem temática e utilizamos como etapas de análise a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos dados e a interpretação dos dados (Bardin, 2016).

Na exploração do material, as informações que compuseram o *corpus* da pesquisa foram analisadas entrevista por entrevista, permitindo a definição das unidades de contexto que foram utilizadas no processo de categorização das informações. Durante essa pré-análise, foi realizada a leitura flutuante, na qual buscamos maior familiarização com as informações. Após esta etapa, foi realizada a leitura aprofundada que nos permitiu a seleção das informações pertinentes ao objetivo de nosso estudo, definindo assim o *corpus* da pesquisa.

Durante o tratamento dos dados, estas unidades de contexto foram categorizadas uma a uma por meio de uma abordagem indutiva, seguindo as etapas de análise definidas por Mayring (2014). Durante os procedimentos de categorização, sempre que uma nova categoria era criada, as entrevistas anteriormente analisadas eram retomadas para verificação da necessidade de novas adequações à categorização previamente realizada. O processo de análise foi considerado finalizado após atingirmos a exaustividade do processo de categorização das informações, gerando uma grelha de codificação com os resultados conforme a tabela 1, a qual apresenta os principais temas que serão apresentados na interpretação dos dados.

Todo processo de categorização foi supervisionado por um pesquisador com experiência na produção de estudos e pesquisas em handebol e em pedagogia do esporte, o qual acompanhou todas as análises e, por meio de questionamentos e orientações, colaborou com a construção de todo processo e validou todos os procedimentos adotados.

Resultados

Na parte de caracterização dos participantes do estudo, inicialmente apresentaremos as características dos(as) treinadores(as), como idade e formação acadêmica (ver quadro 2). A média de idade desses(as) profissionais é de ± 39 anos, sendo interessante perceber que todos(as) os(as) participantes têm formação (ou estava em processo de formação) em Educação Física.

Quadro 2. Características gerais dos(as) treinadores(as) participantes do estudo.

Participante	Idade	Formação acadêmica
T1	44 anos	Especialista em Educação Física escolar e infantil
T2	36 anos	Graduação em Educação Física
T3	49 anos	Graduação em Educação Física
T4	28 anos	Graduando em Educação Física
T5	38 anos	Graduação em Educação Física

O dirigente (D) participante do estudo tem 53 anos de idade, no momento do estudo era o presidente da federação, com 12 anos de atuação na entidade e formação em Educação Física e pós-graduação em direito desportivo.

Quanto à caracterização do evento, o campeonato goiano escolar envolve a seleção municipal das equipes que acontece em três etapas, intermunicipal, regional e estadual, porém no ano de 2018, como foi relatado pelo dirigente, foi um ano atípico de eleições, em que aconteceu apenas uma fase regional/metropolitana de Goiânia, e em seguida, uma final (estadual). Após a etapa municipal as equipes podem selecionar alunos de outra escola para participarem em conjunto na próxima etapa. A faixa etária dos atletas participantes era de jovens nascidos nos anos de 2001 e 2002 na categoria juvenil, nascidos nos anos de 2003 e 2004 na categoria infante e nascidos em 2005 e 2006 na categoria infantil.

Tabela 1. Grelha de Codificação

Categoria	Participação das entidades	Vínculo Profissional do Treinador	Composição das Equipes	O papel da competição no esporte escolar
	Abertura para associações/clubes e prefeituras	Professor(a) da escola	Processo de seleção dos alunos(as) [da escola]	Competição como finalidade da prática esportiva
Subcategorias	Possibilidade de organizar seleções municipais para disputa da fase estadual	Não é professor(a) da escola	Processo de seleção de alunos(as) [de fora da escola]	Bolsa Estudantil Participação de campeonatos nacionais e internacionais

Fonte: Os autores

A partir da análise documental, constatamos, inicialmente, que nem todas as instituições participantes do campeonato da FGDE são escolas ou instituições de ensino, pois nos deparamos com inscrições de associações/clubes e prefeituras na competição analisada. Buscamos informações no regulamento oficial da FGDE e encontramos a seguinte descrição:

As entidades não precisam ser filiadas à FGDE para participarem do evento, podendo inscrever em nome da prefeitura municipal ou representarem uma escola, um clube/associação, um órgão municipal ou outra entidade com CNPJ (Nota Oficial 006/2018/CGE, p. 1).

Ao verificarmos por meio da análise do “Quadro de Inscrições da Fase Municipal de 2018” o impacto desta medida nas inscrições das equipes na primeira fase da competição (municipal), vimos que das oito equipes inscritas, duas entidades eram inscritas como não escolares. Buscamos a opinião do dirigente (D) para entendermos os motivos que levam à permissão de que entidades não escolares participem de uma competição de cunho escolar. O dirigente afirmou que:

[...] temos evento com participação de associações de agremiações que tenham atletas em idade escolar para que a gente possa abranger e ter maior participação no evento porque tem escola que às vezes não tem interesse em participar do evento, mas tem aluno daquela escola que faz parte de uma agremiação (D).

Apesar da aparente descrição de abertura para que mais escolares possam participar do evento, mesmo se a sua instituição escolar de origem não participe, observamos consequências deste modelo competitivo que se desdobram em duas situações, uma relacionada ao tipo de vínculo do(a) professor/treinador(a) em função de sua atuação na escola e outra inerente às possibilidades que são exploradas para composição das equipes participantes, tais como equipes compostas por treinadores(as) de clubes e associações esportivas e atletas selecionados(as) de instituições de ensino diversas, descaracterizando a participação da escola.

Quando perguntados sobre o vínculo com a escola, os entrevistados mostram que este não é um pré-requisito para a atuação do(a) treinador(a) das equipes participantes. Dos cinco entrevistados, apenas três (T1, T3 e T4) declararam possuir vínculo como professor(a) de Educação Física da escola inscrita no campeonato da FGDE, porém, no caso específico de T4, algumas situações específicas nos chamaram a atenção, pois apesar de relatar ser professor da escola que representava na competição, ao cruzar suas informações com o quadro de inscrições verificamos um duplo vínculo deste professor/treinador ao atuar num colégio privado e numa associação/clube (Tabela 2).

Destacamos também o fato de que apesar de T4 se apresentar como vinculado a uma escola e a uma associação, ao analisarmos os documentos “Quadro de Inscrições da Fase Municipal de 2018”, “Boletim 1” e “Boletim 5”, não encontramos nenhuma escola inscrita com sede no respectivo município de atuação do treinador. Verificamos uma associação esportiva participante, levando-nos ao entendimento de que este seria um projeto desenvolvido em formato de parceria entre a escola na qual T4 é professor e a associação na qual ele é treinador. Mesmo assim, T4 referia-se ao longo da entrevista à sua equipe como uma equipe escolar, mas informa que recebe jogadoras de outras escolas que treinam e jogam pela associação inscrita, ofertando inclusive períodos de treino fora dos horários de funcionamento da

escola parceira da associação que participa da competição: “[...] muitos poucos são de fora, no caso são duas meninas que são de outra escola, mas todas já treinam comigo, treinos específicos fora da grade também” (T4).

Tabela 2. Vínculo com a entidade inscrita no campeonato goiano da FGDE.

Treinador	Escola	Associação/Clube	Prefeitura
T1	X		
T2		X	
T3	X		
T4	X	X	
T5			X

Fonte: Os autores

Nota-se, portanto, que a abertura para entidades não escolares participarem da competição fomenta um processo de seleção de atletas, que é previsto no próprio regulamento da competição. Em sua entrevista, D justifica a escolha regulamentar de permitir a seleção de atletas para promover o fortalecimento das equipes para a fase estadual: “[...] é um evento *pra* acontecer em três etapas que é etapa municipal, que é os municípios fazerem sua competição e depois dessa competição municipal eles fazem a seleção daqueles melhores atletas” (D).

Isso se reflete também na fase municipal da competição. Além de T4 que participa com atletas externos à sua escola, T5 informa que para participar da competição é promovido em seu município um processo seletivo e que essa seletiva acontece com mais de uma escola, para a captação dos atletas que irão participar do campeonato da FGDE: “[...] todo o início de ano eu faço uma seletiva entre os meninos *pra* gente tirar alguns que tem habilidade, que tem coordenação *pra* poder desenvolver [...] já na categoria juvenil a gente faz a seleção com três escolas” (T5).

Durante a entrevista, T3 também relata a presença de um atleta que não é aluno da escola que ele representa na FGDE: “Conseguí um aluno que é 2003 e que estuda em outra instituição” (T3).

A treinadora T2 que participa da fase estadual do campeonato da FGDE com uma associação/clube, também afirma realizar um processo de seleção entre aquelas meninas que apresentam melhor rendimento para compor sua equipe: “[...] eu acabo pegando apenas crianças que estão realmente interessadas em participar, em treinar fora da escola, então acaba tendo um pouco essa seleção [...]” (T2).

Nas entrevistas com T3 e T4, realizadas durante uma das rodadas do campeonato goiano de handebol da Federação Goiana de Handebol (FGHb), pudemos inferir outro fato: as equipes que jogam o campeonato da FGDE são as mesmas que disputam o campeonato promovido pela FGHb, mostrando que além de suas equipes serem mistas (formada por atletas que não representam apenas uma escola), suas equipes na verdade são projetos de entidades/clubes com participação em campeonatos formais de nível estadual. Exemplos das falas que possibilitaram essas análises: “[...] por força maior, por falta de transporte, a gente está aqui em Trindade hoje no campeonato goiano da FGHb e a prefeitura infelizmente não liberou o veículo *pra* gente deslocar até Anápolis *pra* estar participando da fase estadual da FGDE” (T3) e “Fiquei com uma base boa jogando o campeonato da FGDE. Eles foram disputar pela Associação, eu tive que separar, e vim aqui com os demais alunos do colégio aqui *pra* campeonato goiano da FGHb.” (T4).

A partir das falas de T3 e T4 é possível observar que o campeonato escolar da FGDE é mais um evento esportivo no calendário das equipes representativas de clubes e associações. Além disso, as características de seleção dos(as) atletas, a não vinculação da competição com a entidade escolar entre atletas e treinadores(as) mostram uma relação com o sistema piramidal e excludente de seleção esportiva muito próximo a realidade do esporte para os adultos. Notamos em seus relatos a perspectiva da competição esportiva escolar não como um espaço ressignificado no sentido dos seus valores educacionais ou de uma readequação da estrutura que seja condizente com o desenvolvimento das crianças e adolescentes, mas sim da competição escolar como um espaço exclusivamente utilitário para fomento do esporte extraescolar ou mesmo a manutenção de um modelo piramidal que inicia com competições municipais e finda com a

possibilidade de que uma das entidades (ou equipe formada pela seleção de atletas independente da instituição escolar que a representa) participe de competições nacionais e internacionais representando a FGDE.

Nesse sentido, selecionamos como exemplo a fala de T2, sobre a promoção dos(as) atletas: “Eu vejo que um dos principais benefícios para o atleta é a questão do ser visto por outros professores e até mesmo treinadores que estão na seleção brasileira de base (T2).” Ou mesmo a fala de T4 e D, que colocam como principais vantagens do campeonato escolar a possibilidade, mesmo que para uma única equipe, de participação em campeonatos internacionais: “[...] o campeonato da FGDE abre brecha *pra* gente estar disputando um campeonato, igual o pré-mundial, onde o campeão [da FGDE] classifica *pro* pré-mundial [...]” (T4); e “[...] o grande filão do nosso trabalho são as competições de nível nacional e internacional” (D).

Finalmente, as características do esporte de rendimento estão sendo transpostas para o cenário escolar também no que tange ao fomento de bolsas financeiras aos atletas ali envolvidos, conforme destacam T3 e D:

[...] é muito importante a bolsa estudantil, que a SEDUCE [Secretaria de Educação Cultura e Esporte] promove. Então, a bolsa hoje tá num valor de R\$ 250,00, e a maioria dos alunos que disputam o campeonato goiano promovido pela FGDE consegue essa bolsa (T3).

[...] esse ano nós distribuimos acho que 10 bolsas da FGDE, mas tem o seguimento lá dos jogos estudantis que tem muitos que pegam pelas federações, mas estão pegando como estudantil também. Então temos sim, nós temos conseguido fornecer várias bolsas todo ano, todo ano a gente consegue uma bolsa (D).

Vemos que os valores associados a este ambiente de competição, embora direcionada ao público de escolares, pouco se desloca do *modus operandi* presente nos modelos competitivos tradicionais que são simplesmente deslocados, ao menos nos aspectos aqui destacados, para o esporte escolar.

Discussão

O primeiro ponto de destaque é o entendimento de que, apesar de ser a FGDE uma entidade esportiva escolar, sua proposta competitiva não é focada nas instituições (as escolas), mas sim nos indivíduos (nos escolares). Essa compreensão gera uma reação em cadeia sobre os procedimentos para a promoção do esporte escolar, incongruentes com a perspectiva educacional, que esclareceremos a seguir. Contudo, vale destacar que, apesar de estar em acordo com a legislação brasileira, e com a perspectiva original dessas competições, entendemos que os eventos esportivos escolares devem ter foco nas necessidades das crianças e adolescentes que deles participam ou poderiam participar.

Uma dessas reações é a oportunidade de que treinadores(as) das equipes não sejam os professores(as) das crianças e jovens em suas respectivas escolas ou sequer vinculados ao contexto escolar. Isso enfraquece a possibilidade de vincular o cenário competitivo e os valores e princípios que norteiam o Projeto Político Pedagógico das escolas (Barroso; Darido, 2006), uma vez que não é a escola que participa da competição com seus estudantes, mas sim o(a) estudante, independentemente da instituição à qual ele ou ela esteja vinculado.

Deixemos claro que não entendemos a Educação Física escolar como promotora das equipes que participarão das competições esportivas escolares, pois, assim como afirma Daolio (2013, p. 130) “Ao se colocar para a Educação Física escolar a responsabilidade de se constituir como a base da pirâmide esportiva nacional, nega-se seus objetivos de trato com conhecimentos da cultura corporal de movimento.” Contudo, entendemos que a relação entre o esporte e a escola deve estar permeada por princípios educacionais e pedagógicos, mesmo que em atividades extracurriculares. A relação professor-aluno é essencial para o processo de ensino-aprendizagem, incluindo o esportivo. Citando Scaglia, Medeiros & Sadi (2006) a Educação Física escolar enquanto disciplina tem como um de seus conteúdos o esporte, ao mesmo tempo, complementa o esporte na escola, estando interligados pela ideia de currículo ampliado.

Assim, a falta de um planejamento que incluía as diretrizes pedagógicas da escola diminui as possibilidades de atuação dos professores, pois limita o ensino do esporte aos seus componentes técnico-táticos, minimizando o conteúdo de ensino vinculado a um processo pedagógico educacional.

O referido campeonato escolar é identificado como espaço para vencedores, para os mais habilidosos, como uma “janela de oportunidade” para se tornar atleta (Frizzo, 2013), e pouco se relaciona com o seu potencial educacional. A escola, nessa perspectiva, se configura menos como um ambiente educacional tornando-se uma extensão do esporte de rendimento. Há uma necessidade de se qualificar os espaços competitivos de crianças e adolescentes, a partir da reestruturação dos sistemas de disputa, os conteúdos, os critérios de avaliação e de organização propostas para a competição, propondo que a competição seja um meio de aprendizado e não o fim (De Rose Junior & Korsakas, 2006). Dessa forma, o ambiente competitivo também pode ser um ambiente de aprendizado dos elementos constituintes do esporte, de convívio social, de construção de valores para a vida. Entendemos que o ambiente do competitivo do esporte pode atender as intenções pedagógicas acima das intenções da promoção de atletas para o alto-rendimento. E ressaltar que os eventos competitivos voltados para crianças e adolescentes devem ser entendidos como parte do processo do ensino-aprendizagem esportivo, e não como a finalidade. Competir não é objetivo final e nem avaliação, é sim parte do processo de aprendizado no esporte.

Contudo, a perspectiva de rendimento esportivo no contexto escolar é bastante tradicional no Brasil, herança de um projeto esportivo nacional que, por volta da década de 1970, foram promovidas políticas públicas para vincular o esporte à Educação Física escolar, ressaltando as competições escolares como base da pirâmide esportiva, a partir do discurso da saúde e da educação, para “conseguir apoio e financiamento público e alcançar legitimidade social” (Bracht & Almeida, 2003, p. 91).

Além disso, a opção de organização competitiva visando os(as) escolares e não as instituições escolares, que segundo discurso do dirigente visa ampliar a possibilidade participação de crianças cujas escolas não possuem projetos esportivos, na realidade resulta na concentração da prática escolar por aquelas crianças e jovens que já participam de programas esportivos organizados extraescolares, tendo como exemplo os casos citados por T3 e T4, cujos atletas disputam simultaneamente as competições da FGDE e da FGHb. Porém, uma limitação do estudo é que esses alunos e alunas não foram investigados, para verificar em quantos e quais espaços estão praticando e competindo no handebol. No entanto, pela fala dos(as) treinadores(as) é possível perceber que há um efeito que resulta na concentração de estudantes mais aptos e reduz-se a oportunidade dos demais escolares. Ou seja, há uma diminuição na base da pirâmide esportiva, restringido a participação dos(as) estudantes. Entendemos que, essa base deveria ser alargada, e a competição esportiva escolar deveria fomentar a participação de mais estudantes, aumentando as possibilidades de participação.

Vemos aqui um delineamento muito próximo do esporte de rendimento, em que os mais aptos são selecionados para os jogos das diversas fases do campeonato, enquanto os menos aptos sequer tem a chance de participar. A adoção de critérios de seleção dos(as) estudantes (de dentro e de fora da escola, principalmente) e a possibilidade de que seleções municipais sejam montadas para representarem uma entidade na etapa estadual reforçam ainda mais a tendência piramidal representada tanto pelo modelo competitivo como pela oferta de oportunidades de prática.

Esta oferta aos escolares que já participam de programas esportivos em entidades específicas para esse fim reforça o ensino do esporte àqueles que já têm oportunidade para a prática, dando espaço para o chamado “Efeito Mateus” mostrando que as vantagens iniciais podem ser precursoras de benefícios futuros. Diferentes oportunidades de participação interferem diretamente no desenvolvimento esportivo dos jovens. Os(as) alunos/atletas que se destacam têm mais chances de participação, e uma maior participação dá-lhes mais oportunidades de aprendizagem e esta aprendizagem torna-os melhores do que outros sujeitos que não têm as mesmas oportunidades de participação competitiva (Merton, 1995; Hancock; Adler & Cotê, 2013; Krahenbühl & Leonardo, 2020).

Verifica-se no contexto estudado mais um traço característico do esporte de rendimento que é transposto para a realidade dos escolares envolvidos na competição, marcado pelo caráter seletivo, o que vai de encontro com as vertentes educativas atuais que dialogam sobre os princípios pedagógicos de ensino do esporte na escola, que visa descentralizar o rendimento e a competição excludente como finalidade e proporcionar aos alunos a vivência de práticas esportivas que privilegiem a cooperação e a inclusão (Bracht, 2000), e a co-educação tendo nas competições um processo de ensino-

aprendizagem favorável a participação, compreensão, difusão do esporte, ressignificando-o ao contexto dos estudantes (Paes, 2006).

O ensino do esporte na escola, seja como conteúdo curricular ou como projeto extracurricular, deve ser subsidiado por objetivos educativos, alinhados ao projeto político pedagógico e atendendo às necessidades do ambiente escolar, de maneira que oportunize aos alunos/atletas vivenciarem e aprenderem diante das práticas do contexto esportivo (Barroso & Darido, 2006). Assim, o esporte e a competição escolar podem ser orientados para o processo de formação de opiniões e valores do(a) aluno(a), ressaltando o compromisso do esporte escolar em possibilitar a aprendizagem esportiva também pela competição, sem que somente os mais habilidosos tenham oportunidade (Scaglia; Medeiros & Sadi, 2013).

Segundo Reverdito et al. (2008), quando o compromisso competitivo se estabelece num sentido contrário aos compromissos escolares, a competição se torna transgressora a qualquer responsabilidade pedagógica. O ambiente competitivo deve fazer parte do processo de aprendizagem do(a) aluno/atleta, colaborando com o processo de formação e tendo como eixo uma pedagogia, por exemplo, para a cidadania (Barroso & Darido, 2006).

A escola demonstra uma internalização da lógica da competição e da meritocracia, o que beneficia uma pequena parte do coletivo (Frizzo, 2013). Visto isso, é difícil encontrar uma forma de romper com esse paradigma, uma vez que essa forma de ver e vivenciar o esporte está pautada na seleção dos mais aptos, corroborando com os mecanismos de manutenção e eliminação.

No Brasil, o esporte escolar muitas vezes foi visto como o “celeiro” para encontrar os(as) futuros(as) atletas nacionais. Por isso, há muito tempo se estabelece um modelo fechado de competições nacionais para atender ao público jovem, possibilitando poucas mudanças e confirmando a seletividade dos atletas, tendo o Estado dificuldade em perceber outras formas de organização do esporte escolar, pois é a partir dos resultados esportivos que se transfere capital simbólico para o sistema político (Bracht & Almeida, 2003).

Outra análise preocupante sobre as falas dos(as) treinadores(as) que utilizam as bolsas de auxílio a qual vincula a atuação como atleta escolar a obrigatoriedade de permanência da criança e do(a) jovem na equipe, como condição de barganha para que esta criança permaneça jogando, não é coerente com a liberdade de escolha e de permanência de crianças e jovens no esporte. Concessão de bolsa-atleta é uma ação bastante comum no meio do esporte, principalmente para financiamento de atletas olímpicos de alto rendimento esportivo (Corrêa et al., 2014; Teixeira et al., 2017). Porém, transpor as mesmas condições de manutenção da bolsa para a realidade de crianças menores de 14 anos de idade visando o seu rendimento é, no mínimo, questionável, uma vez que essa fase não deve ser de rendimento, mas sim de desenvolvimento e aprendizado.

Ao desvincular a competição da escola, e deslocar a competição para os escolares, o contexto competitivo escolar torna-se, potencialmente, um ambiente competitivo tradicional, marcado por processos seletivos e pelo envolvimento de financiamento esportivo.

Visto isso, a competição escolar promovida ao ser voltada para o rendimento é excludente, não possibilitando a democratização do ensino do esporte e desvinculando a ação pedagógica no processo de ensino-aprendizagem esportivo no ambiente escolar (Reverdito et al., 2008), pois entende-se que nesse processo o acesso à competição é tão importante quanto as condutas pedagógicas de aulas ou treinos (Leonardo, 2019). O atual cenário competitivo escolar é contrário a ideia de que, se trabalhada corretamente, é possível tornar a competição educativa nas esferas física, emocional e social (Siedentop; Hastie & Van der Mars, 2004).

Neste aspecto, consideramos que competir sob a justificativa do ambiente educacional não deve ser aliada à lógica da seleção de talentos ou a prática pela prática apenas, mas relacionado ao processo de ensino-aprendizagem esportivo, uma vez que mudanças implementadas nesse ambiente podem fazer emergir o grande potencial pedagógico presente também no ato de competir (Leonardo, 2018). O esporte não é por si só educativo, é necessário transformá-lo, ressignificando a sua reflexão e sua ação no processo de ensino-aprendizagem (Lovisoló, 2001; Gonçalves; González & Borges, 2019).

Uma proposta para que a competição escolar possa ser vinculada ao projeto político pedagógico da escola e possa promover o esporte é aumentando o número de participantes, permitindo o acesso e envolvendo a comunidade, oportunizando tanto a formação de atletas como de jovens que sejam praticantes e “esportivamente alfabetizados”. (Siedentop; Hastie & Van der Mars, 2004; Scaglia; Medeiros & Sadi, 2006).

A ideia não é negar a competição, e sim ressignificá-la para a fim de atender aos objetivos educacionais de cada fase, grupo, contexto local. Parafraseando Freire (1998), o ensino do esporte, incluindo nesse processo as competições esportivas, devem ensinar esporte a todos, ensinar bem o esporte a todos, ensinar mais do que esporte e ensinar a gostar do esporte.

Conclusões

Pudemos constatar nessa pesquisa que a competição organizada pela FGDE, na modalidade handebol, é norteada pelos princípios de alto rendimento, se distanciando dos pressupostos atuais da competição para crianças e jovens, pela possibilidade regulamentar de inscrever alunos de escolas diferentes, pelos processos de seleção advindos dessa possibilidade e níveis competitivos cada vez mais exigentes (nacional e internacional). Além disso, existe a possibilidade de inscrição de associações, clubes e agremiações, evidenciando mais o distanciamento com a escola, que poderia ser um local de massificação do aprendizado esportivo.

A pesquisa foi delimitada no universo dos(as) professores(as) de uma modalidade esportiva, o handebol, caracterizando o ambiente competitivo escolar através do gerenciamento da FGDE, uma entidade federativa, que apesar de escolar é carregada de demandas organizativas semelhantes às demandas de federações estaduais esportivas, assim se faz necessário verificar, se em outras modalidades esportivas, e também, outras competições escolares organizadas por outras entidades de semelhante abrangência em suas respectivas regiões, o esporte escolar se faz um espelho do alto rendimento, possibilitando uma ampliação deste estudo e permitindo um diagnóstico mais abrangente do cenário esportivo escolar nacional.

Como limitações do estudo temos que a quantidade de treinadores(as) incluídas e também por ser apenas de uma modalidade não permitiu abranger as análises, no entanto, essas competições continuarão a ser estudadas, e este artigo torna-se importante para compreender o contexto do handebol escolar em Goiás. Outra limitação foi não ter incluído os(as) jovens estudantes/atletas na amostra, o que poderia ajudar compreender a visão deles(as) sobre a competição escolar. Também entendemos a importância de que mais estudos, nas diversas regiões do país e com públicos maiores e estudos aplicados sejam desenvolvidos com a finalidade de compreender e conceber novos formatos competitivos que atendam as características do processo de ensino-aprendizagem de crianças e jovens no esporte.

Aplicações práticas

Como contribuições práticas, entendemos que os campeonatos e eventos competitivos esportivos direcionados a crianças e jovens em idade escolar devem estar atrelados a pressupostos pedagógicos e educacionais. Nesse sentido, dirigentes devem organizar seus eventos com a finalidade de promover a participação inclusiva, ou seja, em grande quantidade, alargando a base da pirâmide esportiva e proporcionando que crianças e jovens possam participar das competições como meio de aprendizado esportivo.

Contribuições dos autores: “Conceitualização, T.K., A.S.A., e L.L.; Metodologia T.K., A.S.A., e L.L.; Validação, T.K., A.S.A., e L.L.; Análises dos dados: T.K., A.S.A., e L.L.; Investigação, A.S.A. e L.L.; Preparação do manuscrito, T.K., A.S.A. e L.L.; Redação, revisão e edição, T.K. Todos os autores leram e aceitaram a versão publicada do manuscrito.

Referências

- Arantes, A., Martins, F., & Sarmiento, P. (2012). Brazilian school games: historical reconstruction/Jogos Escolares Brasileiros: reconstrução histórica. *Motricidade*, 8(S2), 916-924.
- Bardin, L. (2016). Análise de conteúdo. 3ª reimp. da 1ª ed. São Paulo: Edições, 70.
- Barroso, A. L. R., & Darido, S. C. (2006). Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, 1(4), 101-114.
- Bracht, V. (2000). Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 6(12).pp. xvi-xviii. doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2504>
- Bracht, V., & Almeida, F. Q. (2003). A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. *Revista brasileira de ciências do esporte*, 24(3), 87-101.
- Brasil. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 6 abril. 2020.
- Corrêa, A. J., Moraes, M., Mezzadri, F. M., & Cavichioli, F. R. (2014). Financiamento do esporte olímpico de verão brasileiro: mapeamento inicial do programa "Bolsa-Atleta" (2005-2011). *Pensar a prática*, 17(4). doi: <https://doi.org/10.5216/rpp.v17i4.29057>
- Cunha, J. A. C., Yokomizo, C. A., & Bonacim, C. A. G. (2013). Miopias de uma lente de aumento: as limitações da análise de documentos no estudo das organizações. *Revista Alcance*, 20(4), 431-446.
- De Rose Junior, D. & Korsakas, P. (2006). O processo de competição e o ensino do desporto. In: Tani G; Bento, J.O.; Petersen, R. *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Daolio, J. (2013). Educação Física escolar e megaeventos esportivos: desafios e possibilidades. *Kinesis*, 31(1), 125-137. doi: <https://doi.org/10.5902/2316546410032>
- Flick, U. (2004). Triangulation in qualitative research. *A companion to qualitative research*, 3, 178-183.
- Freire, J.B.(1998). *Pedagogia do futebol*. Londrina: Ed. Midiograf.
- Frizzo, G. (2013). Os jogos escolares como mecanismos de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 19(4), 163-180. doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.38628>
- Gil, A. C. (2007). Métodos e técnicas de pesquisa social. –8ª reimpre. São Paulo: Editora Atlas.
- Gonçalves, V., González, F. J., & Borges, R. M. (2019). A abordagem da competição esportiva na escola: uma pesquisa-ação com professores de Educação Física. *Motrivivência*, 31(57), 01-13. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e54308>
- Hancock, D. J., Adler, A. L., & Côté, J. (2013). A proposed theoretical model to explain relative age effects in sport. *European journal of sport science*, 13(6), 630-637. doi: <https://doi.org/10.1080/17461391.2013.775352>
- Hermans, H. (2004). Interviewing as an activity. *A companion to qualitative research*, Sage.
- Hirama, L. K., & Montagner, P. C. (2009). A ação pedagógica da competição esportiva. *Movimento e Percepção*, 10(15), 109-121.
- Krahenbühl, T., & Leonardo, L. (2020). The relative age effect: coaches' choices as evidence of social influence on youth handball. *Journal of Physical Education and Sport*, 20(5), 2460-2467. doi: <https://doi.org/10.7752/jpes.2020.05337>
- Leonardo, L. (2018). *Um estudo das competições de handebol de jovens do Estado de São Paulo: caracterização das adaptações competitivas e opiniões de treinadores e árbitros sobre suas aplicações*. 178f. Mestrado (Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Leonardo, L. (2019). *Vida de treinador: crônicas e reflexões sobre a Pedagogia do Esporte*. Natal, RN: Editora Primeiro Lugar.
- Lovisoló, H. (2001). Mediação: esporte rendimento e esporte da escola. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 7(15), 107-117. doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2626>
- Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed.-São Paulo: Atlas.
- Marques, R. F. R., de Almeida, M. A. B., & Gutierrez, G. L. (2007). Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. *Movimento*, 13(3), 225-242. doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.3580>
- Mayring, P. (2014). Qualitative content analysis: theoretical foundation, basic procedures and software solution.
- Merton, R. K. (1995). The Thomas theorem and the Matthews effect. *Social Forces* (74), 379-424.
- Paes, R.R. (2006). Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 20(S5), 171.
- Reverdito, R. S., Scaglia, A. J., da Silva, S. A. D., Gomes, T. M. R., de Lima Pesuto, C., & Baccarelli, W. (2008). Competições escolares: reflexão e ação em Pedagogia do Esporte para fazer diferença na escola. *Pensar a prática*, 11(1), 37-45. doi: <https://doi.org/10.5216/rpp.v11i1.1207>
- Reverdito, R. S., Galatti, L. R., Carvalho, H. M., Scaglia, A. J., Côté, J., Gonçalves, C. E., & Paes, R. R. (2017). Developmental benefits of extracurricular sports participation among Brazilian youth. *Perceptual and motor skills*, 124(5), 946-960. doi: <https://doi.org/10.1177/0031512517724657>
- Scaglia, A.J; Medeiros, M.; Sadi, R.S. (2013). Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. In: Reverdito, R.S.; Scaglia, A.J.; Montagner, P.C. (Org). *Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*. São Paulo: Phorte.
- Scaglia, A.J; Medeiros, M.; Sadi, R.S. (2006). Competições Pedagógicas e Festivais Esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. *Revista Virtual EFArtigos*, 3(23).
- Siedentop, D. (2007). Junior sport and the evolution of sport cultures. *New Zealand Physical Educator*, 40(2), 19.
- Siedentop, D., Hastie, P., & Van der Mars, H. (2004). *Complete guide to sport education*. Human Kinetics.
- Teixeira, M. R., Matias, W. B., Carneiro, F. H., & Mascarenhas, F. A. (2017). O programa bolsa atleta no contexto esportivo nacional. *Motrivivência*, 29, 92-109. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29nespp92>
- Ullrich, D. R., de Oliveira, J. S., Basso, K., & Visentini, M. S. (2012). Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas: em direção à reflexividade analítica. *Análise—Revista de Administração da PUCRS*, 23(1), 19-30.
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Penso Editora.